



O PERIGO DA HISTÓRIA ÚNICA DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL E EM ANGOLA

Antônia Kacia Sousa Bezerra¹
Carlos Adriel Xavier Da Silva²
Bianca Oliveira Correia³
Juliana Geórgia Gonçalves De Araujo⁴

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo relatar o perigo da história única contada acerca da língua portuguesa no Brasil e em Angola, para isso, foram entrevistados estudantes e professores de diferentes graus de escolarização, desde o ensino fundamental II até a pós-graduação e de duas nacionalidades diferentes: Brasileira e Angolana. Estes, relataram quais as suas experiências em relação à origem da língua portuguesa e como ela chegou nos seus países de origem, e qual suas atuais visões sobre essa língua, que está presente no dia-a-dia de cada entrevistado. Neste trabalho, foi proposto responder algumas indagações que são respondidas ao logo do trabalho, como: de que forma a língua portuguesa chegou até estes países? quem a trouxe? Como se deu a sua implementação? A língua foi implementada como imposição, ou houve algum tipo de acordo? E por último, mas não menos importante, como essa história continua sendo contada na educação básica?

Palavras-chave: Língua Portuguesa; História única; Brasil; Angola.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, PALMARES, Discente, kacias13@gmail.com¹

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, PALMARES, Discente, adriel15@aluno.unilab.edu.br²

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, PALMARES, Discente, biancaoliveira25855@gmail.com³

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, PALMARES, Docente, jgeorgia.araujo@unilab.edu.br⁴

INTRODUÇÃO

Citando o discurso de Chimamanda Ngozi Adichie, autora feminista que alertou o mundo sobre os perigos de saber apenas um lado da história. Seu discurso “O Perigo da História Única” foi o mais visto da plataforma TED Talk, contando hoje com mais de 18 milhões de visualizações e posteriormente foi adaptado a livro, este que usaremos como base do nosso trabalho. “É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna.” (ADICHIE, 2019). É exatamente isto que acontece com a história da língua portuguesa contada na educação básica. Desde pequenos ouvimos que os portugueses chegaram em Angola em 1484 e descobriram o Brasil em 1500 e trouxeram com eles sua língua, sua cultura e sua religião, mas esta é apenas uma história única, a história que não nos é repassada na escola é que nós já tínhamos nossas línguas, nossas culturas e nossas religiões. Em Angola, tínhamos a presença das línguas bantu, e no Brasil as línguas indígenas. Ainda hoje, as línguas que se originam do tronco linguístico bantu são faladas em Angola, como o umbundo, o quimbundo e kigongo. Tais línguas não apenas ainda são faladas em Angola, como superam a língua oficial (português) quanto a quantidade de falantes. Já no Brasil, segundo o IBGE em 2010, o Brasil registrou a existência de 274 línguas indígenas no país, onde vivem 817.963 mil indígenas de 305 diferentes etnias, entretanto, tais línguas não são valorizadas no âmbito escolar, sobretudo no contexto de educação básica, e é com base nestes dados que discutiremos o perigo da história única acerca da língua portuguesas no Brasil e em Angola.

METODOLOGIA

A metodologia adotada trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois, nosso objetivo não é enumerar os resultados, mas sim analisarmos como a história da língua portuguesa foi e como está sendo repassada na educação básica brasileira. Para (NEVES, 1996, p. 2) : “[...] a pesquisa qualitativa costuma ser direcionada, ao longo de seu desenvolvimento; além disso, não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise dos dados; seu foco de interesse é amplo e parte de uma perspectiva diferenciada da adotada pelos métodos quantitativos.” Deste modo, nosso ponto de partida para a discussão são as entrevistas realizadas com estudantes e professores de diferentes graus de escolarização, desde o ensino fundamental II até a pós-graduação e de duas nacionalidades acerca do que eles entendem e ouviram acerca da História da Língua Portuguesa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa foi desenvolvida através de entrevista com estudantes da educação básica a contar com discentes do Ensino Fundamental - Anos Finais e Ensino Médio, bem como estudantes da graduação e professores em exercício da docência na Educação Básica. Contamos com o total de 5 participantes ao todo sendo: 2 (dois) estudantes do Ensino Fundamental - Anos Finais, 1 (um) estudante da graduação, sendo de nacionalidade angolana, 1 (uma) estudante do Ensino Médio e 1 (uma) professora da Educação Básica. Propomos 5 perguntas para que pudéssemos realizar uma pesquisa rápida, mas que constatasse o que essas pessoas advindas de lugares, culturas e locais de fala diferentes, conhecem sobre a Língua Portuguesa. Logo, a primeira pergunta foi “como foi apresentada a história da Língua Portuguesa para você?” A maioria dos entrevistados responderam que conheceram a Língua Portuguesa através do meio acadêmico, seja no ensino básico ou na graduação e como uma língua advinda dos portugueses. O que nos leva à segunda pergunta, “De onde você acha que é originada a Língua Portuguesa? E a grande maioria respondeu Português, alguns



responderam Brasil, e tivemos uma resposta que cita o Latim Vulgar, mas que o que é passado através do ensino básico, é que essa Língua advém de Portugal para os países colonizados. Na sequência, tivemos a terceira pergunta que foi “ O que você lembra quando escuta as respectivas palavras AMERÍNDIOS e AFRICANOS?” onde obtivemos respostas que nos chamaram atenção pelo fato de apresentarem o real sentido delas. No entanto, nessas respostas o que mais nos chama atenção é o fato dos participantes da entrevista associarem o termo “Africanos” a uma marca de sofrimento, de machismo, de dor e de escravização, demonstrando assim, que na realidade destes, a forma em que esta cultura foi apresentada retrata uma imagem apenas de um povo que foram escravizados e não de um povo que influenciou no surgimento da Língua Portuguesa que falamos até os dias atuais. A quarta questão que foi apresentada indagou aos entrevistados a respeito dos espaços onde lhes foram ensinadas/repassadas informações a respeito dos termos já citados ‘Ameríndios’ e ‘Africanos’. Assim, o que muito nos preocupa com as respostas e tendo em vista o fato do termo ‘Africanos’ ser associado à dor e sofrimento por parte dos entrevistados é que todos afirmam ter construído esse conhecimento na escola ou em outros espaços de formação social. Por fim, questionamos as/os entrevistadas/os sobre “O que você sabe sobre NORMA CULTA e NORMA POPULAR? O que você considera como certo? E o que você considera como errado? Justifique sua resposta.” E as respostas obtidas nos demonstraram, de certa forma, uma imagem que apresenta silenciamento da linguagem popular como sendo uma linguagem utilizada apenas por pessoas que possuem baixa escolaridade, ou seja, a linguagem culta é tida como a “correta” e a popular como “errada” não sendo associada a ideia de que as variedades linguísticas apresentada na linguagem popular ser uma representação de etnias, de raças e/ou grupos sociais. Por fim, consideramos as respostas bastante semelhantes, uma vez que apresentaram um pouco daquilo que já presumíamos, ou seja, a história contada sobre a Língua Portuguesa surge de uma perspectiva colonial que privilegia o português de Portugal, que fora trazida pelos portugueses no período da Colonização. Uma realidade que pode ser constatada, é que o entrevistado angolano possui as mesmas informações que foram repassadas no ensino brasileiro, logo, essa realidade é constatada devido um passado colonizador em comum.

CONCLUSÕES

Ao final dessa análise, constatamos que a história da Língua Portuguesa na educação básica ainda é repassada de forma violenta e com tentativa de silenciamento das culturas, onde os educandos não possuem contato com a real história por trás da Língua, a única contada e repassada é a que envolve Portugal como o maior detentor dessa língua e o responsável por repassá-la aos países colonizados. A serenidade com que foi apresentada as discussões sobre a origem da Língua Portuguesa a esses entrevistados nos confirmam a hipótese de que ainda nos dias atuais a história única sobre África, sobre as línguas que originaram o português ainda são contadas de uma forma bem distante daquilo que é a verdadeira história. Essa forma de apresentação pelos quais as escolas e demais instituições de ensino perpassam a história da língua portuguesa a crianças e adolescentes silenciam culturas e distanciam um povo de espaços que fazem parte da construção de suas identidades. Na entrevista que fora desenvolvida, pode-se observar que os estudantes brasileiros da Educação Básica distanciam sua resposta de um estudante angolano da graduação ao falar de norma culta e norma popular, por exemplo, quando dizem que “Norma culta são regras e padrões linguísticos usados por pessoas com alto nível de escolaridade. Norma popular são usadas com pessoas de baixa escolaridade”, o que nos apresenta a construção de uma ideia bem próxima da idealização de “falar certo” ou “falar errado”. Assim, pode-se afirmar com tais discussões que o Ensino é a ferramenta primordial para a desconstrução desse pensamento engessado de que a Língua Portuguesa é advinda de Portugal, em que



possamos levar às salas de aula a concepção de outras línguas como originárias da Língua Portuguesa, descolonizando a imposição do pensamento que enaltece apenas Portugal, criando uma história única, e como foi citado por Chimamanda Ngozi Adichie: “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história.” ADICHIE, 2019, p. 14. Dessa forma, a história deve ser desconstruída e o Ensino é nossa ferramenta essencial para esse trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB);
À Professora Dra. Juliana Geórgia Gonçalves de Araújo;
E aos Estudantes e Professores entrevistados;

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C.N. **O Perigo de Uma História Única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Disponível em: <https://11nq.com/4uwdP>. Acesso em: 04. out. 2023

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

NEVES, J.L. **Pesquisa Qualitativa: Características, Usos e Possibilidades**. Cadernos de Pesquisas em Administração, São Paulo. V.1, Nº 3, 2º sem./1996.